J. BASTOS SILVA
DOURADO
RESERVADO
2008
B. N. L.

O ESQUELETO

Esc. 16 # 5 o
COMPRA

O ESQUELETO

Res
2008

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. 80418

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR—EDITOR
77—Rua Augusta—81

1865

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Imprensa de J. G. de Sousa Neves — Rua do Caldeira, 17.

PREFACIO

Em quanto á influencia do romance nos costumes, estou mais que muito desconfiado de que o romance não morigera nem desmoralisa.

Porém, admittida a ponderação que lhe alvidram os exhortadores dos pais de familias, não sei decidir como se ha de escrever o romance fautor da sã moral. São dois os expedientes: levar os personagens viciosos ao despenhadeiro; ou crear anjos n'um paraiso sem serpente.

Na primeira especie, mostra-se a lucta de virtude e crime; natural e concludentemente triumpha a virtude. É o costume, com sacrificio, ás vezes, da verosimilhança.

Na segunda fórma de romancear, a virtude recebe as ovações sem batalha. O romancista põe peito á reformação das obras de Deus, e corrige-as. Quando os seus personagens se avisinham de algum sujo aguaçal, em que é uso a gente commum salpicar as botas, atam-lhes asas de serafins, e largam-lhes trella por esse azul dos ceus dentro, até lhes vir a geito poisal-os em alegretes de flores.

São estes os romances que moralisam, ou os outros? É a minha duvida.

Convém mostrar as repulsões do crime lá em baixo, onde a providencia social lhes cavou a paragem; ou é melhor conduzir, por entre hortos amenissimos, os nossos personagens engrinaldados, e mettel-os no ceu finalmente?

Um homem de bem, proprietario de um dos primeiros jornaes d'este paiz, costuma editar os meus romances, com a previa clausula de não serem historias de crimes, que toquem directa ou indirectamente com a probidade da vida conjugal, ou revelem desdouros da honra domestica.

Ha poucos dias, tivemos esta pratica:

—Querem os pais de familias que suas filhas ignorem a corrupção, que lavra nos pantanos da sociedade—observou-me o meu amigo.

—Os pais de familia, contestei, não conseguem isso, em quanto não acharem o caminho da lua, onde presumo que não ha costumes, nem romances. E será preciso que se mudem para lá com as

filhas, menores de dez annos, e não levem as mães, porque as mães, maximamente virtuosas, sempre teem que contar ás filhas a historia escandalosa das mães culpadas.

—Mas não se ganha moralisação para os espiritos brandos e virginaes das leitoras, em dar-lhes novellas de adulterios—redarguiu o cavalheiro.

—Ganha, quando se lhes mostram os infortunios acapellados em volta da mulher que se deshonra. Ganha, porque as filhas do pai acautellado sabem que as ha, conhecem-nas, e apertam a mão das deshonradas; concorrem aos salões com ellas; sabem o nome e a culpa do homem que as requesta; observam-lhes uns exteriores de felicidade; e espantam-se de as verem ostensivamente satisfeitas, e, de mais a mais, acatadas com uma urbanidade, que as não estrema das honestas. Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzellas, até certo ponto innocentes, que o desdouro, cujo horror não as apovorou nos salões, tem angustias secretas, e infamias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.

—Acho-lhe rasão—obtemperou o honrado e illustrado editor dos meus livros—mas que quer, se os pais de familia intendem que suas filhas desconhecem a existencia de certos crimes? E desadoram romances que revolvam essas sentinas hediondas?

Aqui ficou a contenda amigavel. Não procurei pai de familias nenhum para argumentarmos. Fiquei-me

a scismar se devia queimar este volume que estava escripto, no intuito de mostrar o squalor de uma chaga social, sem a minima pretenção de lhe pôr o cauterio. Não queimei; mas protesto extrahil-o da circulação, se um dia me persuadir de todo em todo que esta coisa de romances, escriptos assim, peoram a humanidade, e alvorotam a quietação dos pais de familias.

I

Era justa e plausivel a admiração que infundia no espirito dos portuenses, nada espantadiços de mulheres formosas, uma franceza que, poucas vezes, se via no Porto, ahi pelos annos 1834 até 1839. Sabia-se que esta dama vivia n'uma quinta dos arrabaldes da cidade, e para alli viera com um fidalgo portuguez, regressado da emigração em 1835, sujeito pacifico, estranho ás victorias da liberdade, e tambem estranho aos reposteiros das secretarias. Era Nicolão de Mesquita.

Da procedencia da franceza é que ninguem sabia. Geralmente duvidava-se da honestidade de tal contubernio; isto, porém, não implicava ao quasi respeito com que os galãs mais audaciosos da cidade

eterna encaravam a gentil amazona, ao lado do cavalheiro grave, sombrio, e sympathico. Outras vezes, a estrangeira entrava no Porto sósinha, com um lacaio; apeava no hotel do Pêxe, [1] saía a prover-se de objectos de luxo nas lojas de modas, seguida do criado, e voltava ás suas flores e bosques, que deviam de alegrar-se, vendo chegar a sua bella e solitaria rainha.

O cavalheiro conhecia poucas pessoas no Porto, e tão friamente as praticava, que ninguem ousava perguntar-lhe miudezas de sua vida particular.

Em 1838, saía a franceza do estabelecimento de uma modista, e estremeceu fitando em rosto um homem, que empallidecera ao encaral-a surprehendido. Era este homem o chanceller do consulado francez.

Ella estugou o passo a evitar a aproximação do seu patricio: era superfluo o susto. O chanceller ficara impedernido, e extatico.

Passava um amigo, e disse-lhe, sorrindo:

—A sua patricia tem causado muitos d'esses spasmos aos portuguezes...

—Não é possivel...—disse o francez abstrahido.

—Não é possivel?!—replicou o outro.

—A impressão que me fez aquella mulher não creio que a possa receber quem a não conhece.

[1] Foi no palacio dos viscondes de Balsemão. Este palacio, onde se hospedou Carlos Alberto, é hoje do visconde da Trindade. *Habent sua fata*... os palacios!...

—E conhece-a o senhor?

—Pois não! É a mulher de um dos meus melhores amigos. Eu já sabia que ella fugira de Bruxellas com um portuguez; mas não esperava encontral-a. Onde vive ella?

—Na Cruz da Regateira, a meia legua do Porto, com um fidalgo transmontano, chamado Nicoláo de Mesquita.

O chanceller escreveu na sua carteira, e disse:

—A mulher do meu amigo Ernesto Froment, um dos primeiros fabricantes de Lyão, rico e gentil, moço e honrado, pundonoroso e amigo d'esta infame, como não sei que haja outro! O homem com quem ella fugiu foi hospede de seu marido. Sinto que em Portugal se produzam vilões d'este calibre!... Froment cuida que ella está na America. Não lhe direi eu que a vi sem vingal-o, se ha vingança honrosa a tirar de similhante affronta!

O francez retirou-se apressado.

Dias depois, Nicoláo de Mesquita era procurado na serena solidão dos seus arvoredos por dois cavalheiros desconhecidos; um era o consul francez, o outro pessoa importante da sociedade portuense.

O chanceller desafiava Nicoláo, em nome de um marido infamado.

O portuguez tergiversou na resposta. Obrigado a responder explicitamente se nomeava testemunhas, disse:

—Eu não embaraço que madame Froment vá para

seu marido, se lhe praz. Bater-me com um cavalheiro, em quem não reconheço direitos a pedir-me contas, não o faço, sem alienar o juizo que tenho.

O consul redarguiu com azedume. Nicoláo de Mesquita sorriu-se, e replicou:

Respondi. Os cavalheiros excedem as suas funcções, e collocam-me n'uma posição desagradavel. Estas disceptações costumam resolver-se melhor nas estradas.

O portuguez da provocação ficou-se; mas o consul mordeu os beiços até sangrarem.

A senhora Froment, assim que os estranhos visitantes saíram, correu assustada a indagar a causa.

Nicoláo respondeu glacialmente:

—Depois de seis annos, um amigo de teu marido manda-me desafiar. Não me bato.

—Quem te desafia? É o chanceller? Não acceites, que elle é temivel!—acudiu ella.

O orgulhoso abespinhou-se, e disse severamente:

—Não ha homens temiveis para mim. Não acceito, porque é preciso muito coração para que um homem se bata por amor de qualquer mulher.

Pungente grosseria!

A franceza emudeceu transida. Bem o presentia ella; mas ainda lh'o não tinha ouvido. Emboscou-se entre as arvores a chorar. O orgulho!...

É certo que Nicoláo de Mesquita estava enfastiado, arrependido, e devorado de ancias de liberdade, para retemperar o coração em amores novos.

Pensava nas delicias de uma vida honesta; falsa virtude, que vem sempre com o enojo da mulher, que a sociedade honesta repelle. Seis annos era muito para ter sempre em florescencia affectos, que sairam de um tremedal. As idealidades do vicio são ephemeras; o orgulho póde fingil-as; mas, d'alma a dentro, não ha imperio que senhoreie o atroz pungimento do tedio. O sorriso é um tregeito vaidoso, que intenta escarnecer a censura do mundo, ou rebater a commiseração.

Nicoláo de Mesquita amara a mulher do amigo, que lhe aligeirara os annos do exilio. Infamia irritante em animo até d'aquelles que propriamente se sentem mordidos do remorso de um delicto similhante! Amara até ao absoluto desprezo de si mesmo. Seguira-a de Lyão á Belgica. E d'aqui se fugira com ella para Portugal, em quanto o marido fôra a Paris pressurosamente a cuidar em negocios urgentes de sua industria.

Depois, ainda um anno se não tinha passado, e já Nicoláo media a profundeza de sua ignominia, e espedaçava-se ás garras do opprobrio de si proprio. Tardia honra, que nunca póde chamar-se rehabilitação: penitencia, que no conceito do mundo terá remido os arrependidos; mas que no juizo da Providencia deve de ser apenas começo de expiação, começo de expiação muito longa.

Chegado a Portugal, Nicoláo ainda tinha mãe. Repugnou-lhe entrar em sua casa com uma mulher,

mais perdida aos olhos d'elle que aos da sociedade, se a conhecesse. Já lhe parecia que o apresental-a como sua esposa era injuriar as virtudes de sua mãe, e injuriar-se a si. Não mais se levantará de ante do homem, que a estimou, a mulher assim desprezada.

Alugou a quinta nos arrabaldes do Porto, e ahi ficou.

A franceza era a mulher coherente com o seu crime. A mudança da physionomia do amante, a nudeza da phrase baixa e secca, a nenhuma poesia do gesto e da palavra, os longos silencios interpollados de suspiros, os vincos da fronte, os sorrisos contrafeitos, as abstracções e respostas incongruentes, que mais carecia ella para caír em joelhos aos pés do algoz da sua felicidade, e pedir-lhe a morte?

Não se lembrou d'isso. Era mulher, e franceza. Ao pungimento da deshonra botaram-se os fios no habito de a praticar. Caíra de tão alto, que já não media com a vista a altura da queda. As mulheres que chegam até aqui, tocam a extrema do pudor. D'ahi em diante, se choram, não é remorso, é a áspide do orgulho que as morde.

Margarida Froment acceitava a liberalidade do amante, em proveito do amor decadente. Cuidava ella que as pompas no trajar remoçariam o affecto invelhecido. Vestia-se e galleava a primor. Achava-se linda. Aos vinte e oito annos não invejava o frescor das suas quinze primaveras. Offerecia-se assim aos olhos de Nicoláo, e muitas vezes cuidou que

triumphava quando queria. Esta vaidade era-lhe um esteio. Em quanto um demonio amigo lhe desse tal escudo, contava ella com a victoria sobre o fastio do amante.

Quando a tristeza a alquebrava mais, era se, no lavor de enfeitar-se, lhe vinha á lembrança que seu marido a tinha amado muito, ainda desenfeitada.

Tristeza de vaidade dorida, e mais coisa nenhuma que possamos chamar *castigo*.

Os castigos, ao chegarem, rasgam por outras fibras mais sensiveis.

O fidalgo, que pendia aos quarenta annos, pensava em saccudir o jugo; mas as correias apertavam-no tanto e em tantas voltas, que era impossivel desdal-as sem despedaçar os restantes liames da sua dignidade.

Abandonal-a era coroar a infamia.

Dar-lhe recursos e bons conselhos, muitas vezes lhe quiz propôr este accordo; mas receava a recusa, e a desordem inevitavel d'essa hora em diante.

Os obstaculos saturavam-lhe de fel novo o amargor do enfado.

Até que, no termo de seis annos, appareceu o chanceller, não sei se tolo, se sublime, a desaggravar o amigo, do mesmo modo que um inimigo o faria, se quizesse ajuntar á desgraça a irrisão. Os francezes usam uns processos especiaes de honrar os amigos.

Nicoláo de Mesquita era valoroso; porém, refle-

xionador. Dissera elle: *é preciso muito coração para que um homem se bata por amor de qualquer mulher.* Esta sua maxima arrefecia as fervuras da coragem; do pundonor não havemos de dizer, que esse tinha claudicado, e ficara tolhido para todos os effeitos da dignidade, logo que elle seduziu a mulher do homem, incapaz de reputal-o infame.

Não se quiz bater com testemunhas: era natural que evitasse bater-se sem ellas.

Absteve-se de ir ao Porto, e reflectiu ponderosamente no escape de taes aperturas. Achou que era tempo de espesinhar considerações de menor alcance. Propoz á franceza uma separação temporaria, e urgente á quietação de ambos. Margarida ouviu-o de boa fé. Acceitou alguns mil cruzados; residencia no Porto, se lhe desprazia viver na quinta; e a segurança de se reunirem na provincia, assim que a entrevada mãe de Nicoláo passasse a melhor vida. Annuiu a franceza, dizendo em tom lastimoso que de bom grado, e com o coração cheio de lagrimas, se immolava á tranquillidade do amante.

Nicoláo foi para Traz-os-Montes, e Margarida Froment para uma casa ricamente alfaiada na Torre da Marca.

O chanceller, perdida a esperança de tirar os olhos do scelerado á ponta do florete, escreveu ao amigo, contando-lhe o seu intento, e o encontro inesperado.

Ernesto Froment accusou a carta recebida, e não fallou da mulher. Parece que tinha lá tres, todas mais fieis, e póde ser que mais formosas.

Por este lado, o acaso—não ouso dizer a Providencia—se amerceara do esposo trahido. Quem dos dois soffria mais, ou presentia o emborrascarem-se as porvindouras tormentas, era Margarida.

II

O morgado da Palmeira cuidou que facilmente se desatavam os vinculos tenazes do amor-habito. Este amor é tão intranhado e subtil em alguns temperamentos, que até resiste á lima roaz do tedio. Se a mulher fastidiosa desapparece dos olhos fatigados de a verem, não sei de que refolhos da alma rebenta um espinho levemente doloroso, quando inesperadamente fere; mas, com o rodar de dias, crava-se, punge, e doe tanto como a saudade da mulher que mais se ama e deseja.

Esta dôr sentiu-a elle, quando se viu no Vidago, ao pé do leito da mãe entrevada, sem sociedade que o distrahisse, além do reitor que o mortificava com perguntas sobre os paizes estrangeiros.

Mulheres, n'aquella povoação, não havia uma que lhe prendesse o olhar, nem o fizesse descer á requesta, em competencia com os seus criados. Perguntava á desmemoriada mãe pelas formosas primas, que deixára, em tal e tal casa. A velha respondia-lhe que umas estavam acabadas, outras mães de filhos, e outras na sepultura. Nicoláo de Mesquita espantava-se de achar extincta a formosura das primas da sua creação. Os homens, que não descaem ou fingem não descair da mocidade tão depressa, assombram-se da mudança que dez annos fazem no rosto e na alma das mulheres suas contemporaneas.

Foi isto grande parte na saudade, que por pouco o não impelliu ao Porto. Se fosse, antes de reaccender-se na chamma do seu antigo amor a Margarida, uma nova enchente de tedio lhe apagaria as faiscas instantaneas. Estes amores são relampagos. Nas trevas, que se carregam depois, ha um abafar de coração, angustia incomparavel com a tristeza da saudade.

Elle adivinhava este segredo, que todos sabemos de animo frio, e todos ignoramos, se a paixão nos desluz a rasão experimentada nos desvarios proprios e nos alheios. Ainda assim, póde ser que o presagio o não demovesse; conteve-o, por ventura, o receio de expor-se ás iras do chanceller. Margarida, em quanto a perplexidade do amante durou, recebeu cartas muito amoraveis, que lhe consolaram a vaidade. Respondia ella que a chamasse a viver obscura

entre arvores, sem mais alegrias que as das avesinhas, e a certeza de ser precisa á vida d'elle. Estas supplicas demonstram a singeleza ou o errado artificio de Margarida. Se ella tivesse respondido friamente, resignando-se com a ausencia, Nicoláo iria buscal-a. Nós intendemos sempre que a resignação é renuncia. O ciume faz então prodigios que nivellam o mais descaroado orgulho com a allucinação de Werther ou Othello.

Permaneceu o morgado na indecisão, até que, um dia, foi a Chaves concorrer a um baile, com que seu primo Martinho Xavier de Sousa Vahia celebrava o natalicio de sua filha primogenita Beatriz. Tinha dezeseis annos esta menina. Rosto e candura do ceu. Alegria de borboleta na primavera entre as alvissimas flores do espinheiro.

Nicoláo dansou com sua sobrinha... ou prima. Elle antes queria que Beatriz lhe chamasse primo. Passou a noite: ninguem virá dansar o morgado da Palmeira com outra dama. E a rainha da festa uma vez apenas esvoaçara na sala amparada, senão levemente presa por um dos anneis louros do seu cabello á espadua de outro homem.

De Nicoláo de Mesquita diziam as mulheres: — Parece que tem vinte annos! Como está moço, e que airosidade na dança!

— Pois tem perto de quarenta! — Atalhava um moço de vinte, com um sorriso e abanar de cabeça desdenhoso.

Acabou n'esta noite a indecisão de Nicoláo, respeito a madame Froment.

Recolhendo ao Vidago, encontrou uma carta em que ella amorosamente o ameaçava de ir procural-o, sem consentimento prévio. Apressou-se elle a responder-lhe que se contivesse, a não querer contrarial-o.

Dois dias passados, tornou para Chaves, a cumprir a promessa de quinze dias de hospedagem em casa de seu primo Vahia: quinze dias de jantares e saraus, em que Nicoláo de Mesquita impressionou muitas damas com o leve incommodo de contar anecdotas joviaes, costumes estrangeiros, amores celebrados, aventuras estranhas, coisas de chorar e de rir, iguarias para todos os paladares.

Beatriz era das que folgava das historietas facetas. Casos de lagrimas interneciam-na até lhe molestarem os nervos. Pediu ella a seu primo contos engraçados. E Nicoláo, que nunca em sua vida tivera graça, transverteu-se por milagre de amor, e fez rir a filha de seu primo. A sós comsigo, o morgado da Palmeira, que vira muito e brilhante mundo, quasi que de si mesmo ria.

Voltou a casa onde o chamara o aviso de estar a mãe em perigo de vida. Assistiu-lhe á morte, fez-lhe enterro pomposo, encerrou-se por oito dias, pagou as visitas, e voltou para Chaves.

D'este successo não deu parte a Margarida nem respondeu ás cartas, que encontrára, queixosas do

seu silencio. A esposa de Ernesto Froment tinha morrido para o amante como para o marido. A Providencia ordenára á formosa de Chaves que lançasse a prevaricadora no fogo expiatorio, não lavareda devorante, mas brazido lento, que lhe fosse queimando fibra por fibra os orgãos todos onde a vida humana póde soffrer e morrer mil vezes. Nicoláo lembrava-se d'ella com susto, e ás vezes com remorso; o susto de a vêr atravessar-se em seus designios; o remorso de atiral-a a um caminho, sem saida que não seja garganta de voragem.

Adiante! Nicoláo de Mesquita conhecia milhares de exemplos. Em Paris, cada homem dos admirados e invejados no bosque de Bolonha, no café Tortoni, nos centros da mocidade insigne, podia contar dezenas d'aquellas historias, laudas da biographia dolorosa que as mulheres das salas repetiam sem horror.

O horror das mulheres das salas era para as victimas.

Homens sacrificados é que elle não conhecera. Homens que immolassem os melhores annos da sua mocidade a um dever, que o mundo chama um escandalo. Homens que, em cada primavera do coração, arrancassem os renovos promettedores de muitas alegrias, e os atirassem fenecidos aos pés de uma como estatua, incapaz de avaliar a renunciação, ou, peor ainda, persuadida do dever do sacrificio.

N'isto cogitára elle em todos os dias dos seis annos de captiveiro.

Agora, na liberdade, era preciso ser homem como todos, ser forte para não ser infeliz e ridiculo; por que a desgraça dos penitentes, que não podem nobilitar, com alguma sombra de moral commum, o grandioso holocausto de sua liberdade, é irrisoria.

E depois, quem sabe?

Margarida voltará para França, onde tem o marido, e a mãe. Se o marido a recebe, feliz culpa que a mette ao caminho da rehabilitação! Se a regeita, a mãe lhe abrirá os braços e o sanctuario da familia lhe purificará o espirito. Esta moralidade, subitamente formada no animo do morgado, é uma zombaria da virtude. Faz-se muita moralidade assim; e a sociedade ás vezes applaude-a, e sae em auxilio dos moralisadores.

Com estas hypotheses combatia Nicoláo de Mesquita o impertinente remorso, quando ia para Chaves. Porém assim que se refugiou sob os olhos tutelares de Beatriz, a chimera da consciencia fugiu espavorida.

Martinho Xavier perguntára a sua filha se o primo de Vidago lhe dizia particularmente palavras indicativas de algum sentimento mais forte que o do parentesco e amisade.

Beatriz córou. O pae ficou satisfeito.

E, n'outro ensejo, perguntou-lhe:

—Gostas do primo Nicolau? Sê sincera, minha filha.

—Não desgosto... balbuciou a pomba.

—E, se elle quizesse ser teu marido, acceitarias de boa vontade?

—Querendo meu pae...

—Eu não quero, nem deixo de querer. Consulto a tua vontade.

—Eu...

—Acceitas?

—Pois sim...

—Mas—tornou Martinho Xavier—tu, antes da vinda de Nicoláo, parece que acceitavas a côrte do primo de Fayoens, que foi creado comtigo.

Beatriz corou, e calou-se. O pae achou prudente calar-se tambem, n'este artigo melindroso, e volveu ao essencial:

—Nicoláo perguntou-me se o teu coração estava livre. Respondi que o suppunha desprendido de affeição seria. Quiz elle saber se tu quererias ligar a tua mocidade aos annos já adiantados de um homem, que te amaria como esposo, e estremeceria como pae. Vou dar-lhe a tua resposta, se é que lh'a não déste.

A menina fez um gesto de assentimento.

O morgado da Palmeira, no dia seguinte disse a Beatriz:

—Quer meditar algum tempo antes de ser minha esposa, prima Beatriz?

—Já respondi, primo Nicoláo.

—Despede-se sem saudades da sua mocidade? Não deixa impressão que a possa magoar?

—Não...

—Nenhum homem que lhe inquietasse o coração...

—Nenhum...

—Acredito-a, Beatriz. Pois saiba que ha de ser venturosa, quanto os anjos podem ser n'este mundo. Hei de obrigal-a com extremos de amor a ser minha amiga. Vêr-me-ha invelhecer, e então sentirá por mim affecto de filha. O homem, na minha edade, sabe como se faz a felicidade de uma mulher. Entrego-lhe o coração maculado, mas ainda forte de vida, a vida do coração, que é a poesia das almas enthusiastas. Se eu me sentisse gasto e insensivel, a prima Beatriz, com o segredo que teve de influir um sagrado fogo no gelo da minha vida moral, havia de fazer o menor milagre de remoçar-me. Será feliz, minha prima: juro-lh'o, beijando-lhe esta mão pura!

Beatriz cedeu facilmente a mão, para não prejudicar o ritual do juramento.

Se Deus fosse carne, e tivesse labios susceptiveis de obedecerem ás contracções convulsas dos musculos faciaes, ria-se sardonicamente d'aquelle juramento.

O lance, digno de ser pintado com as branduras de Bernardin de S. Pierre, foi interrompido

por um criado, que apresentava a Nicoláo de Mesquita uma carta, vinda em mão propria, de Villa Pouca de Aguiar, distante de Chaves tres ou quatro leguas.

O morgado viu o sobrescripto, e mudou de côr.

Era a letra de Margarida Froment, que havia chegado a Villa Pouca na tarde do dia anterior.

O contheudo eram duas palavras: ESTOU AQUI.

Beatriz ergueu-se em ponta de pés. Adoravel curiosidade! Viu; mas não entendeu. Era em francez. Encarou no primo, e disse sobresaltada:

—Que é?!

—Um amigo que me chama a Villa Pouca, tartamudeou.

—E porque não vem cá? replicou a innocente com a cavillosa dialectica de uma senhora já esquecida do tempo em que passou pelas varzeas floridas da innocencia.

—É um francez, meu amigo, que vae de passagem para Hespanha, e precisa de recursos.

—Não se assignou?! redarguiu candidamente Beatriz.

—Não, porque... porque é perseguido em Portugal, e receiou que se desencaminhasse a carta.

—E vae, primo?

—Sem demora. Devo-lhe obsequios.

Estas palavras já foram ditas com toda a quietação de animo. Beatriz socegou; mas, depois que Nicoláo saiu, inquietou-se e mandou, a occultas do

pae, um criado a Villa Pouca, espiar os passos do morgado da Palmeira.

Amava-o: estou em crer que o amava.

Nicoláo de Mesquita ia chammejando de raiva a Margarida. Esporeava o cavallo, que devorou as leguas em furiosa desfilada. Soffreava a brida instantaneamente, para meditar no que faria. Baralhavam-se-lhe os planos, todos miseraveis, senão abjectos.

Apeou á porta da estalagem.

A franceza esperou-o no topo da escada, abrindo os braços. Nicoláo apertou-lhe a mão, e disse glacialmente:

— Que é isto?

Margarida transfigurou-se. Deixou cair mortalmente os braços, e disse então dorida e irritada:

— Para que veio aqui?

— Pois a tua carta que significa? Diz.

— Nada. Respondesse: «Não conheço a desgra-«çada, a perdida, a infame que me escreve. Des-«gracei-a eu, perdi-a eu, infamei-a eu; mas não a conheço.» Respondesse assim, senhor Nicoláo de Mesquita. Antes isto, que repellir a mulher que de braços abertos lhe offerece o coração traspassado de dôres.

— Vem cá, Margarida! tornou o morgado, simulando meiguice. Vem conversar comigo. Tu és injusta, ou estás enganada.

A franceza abriu a porta do seu quarto. Nicoláo

sentou-se a limpar as bagas de suor. E ella ficou em pé defronte d'elle, hirta, sublime, formosa, e formidavel de odio, de amor, de desesperação, de ternura, um indefinivel conjunto de demonio da soberba, e anjo da agonia.

E elle estava como se a não visse, fitando-a nos olhos coruscantes. Latejavam-lhe as fontes batidas de dentro por clavas de ferro. Seria um atroz pezadelo, se não fosse um abafar de vergonha e rancor.

Margarida esperou alguns segundos, e disse:

— Conversemos, pois.

Nicoláo ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Desprézo a ironia!

— Isso é uma miseria, senhor Nicoláo, retorquiu serenamente a franceza. Conversemos, pois!

III

—Reprovo a sua vinda aqui! disse Nicoláo, empregando o *vous* do despeito ou da ceremonia, que, n'este dialogo em francez, era, de parte a parte, odio.

—Já sei, respondeu Margarida. Reprova que eu viesse. Reprovada e maldita sou eu de toda a gente. Como todas as almas me fugiam, vim acoitar-me na sua. Agora vejo que estou sosinha no mundo. Se eu quizer amigas, heide ir procural-as á ultima escaleira da degradação.

—Que desatino! exclamou o morgado. Faltaram-lhe meios com que viver honestamente?

—Honestamente vivia eu em casa de meu marido, senhor Nicoláo de Mesquita! O senhor pré-

gou-me a desmoralisação, e agora está-me doutrinando a honestidade! Que escarneo! O seu dinheiro não póde rehabilitar a mulher que a sua perversa indole abysmou! O senhor faz mulheres perdidas, não refaz honestas!

—Pois bem!

—Pois bem o que?

—Faça o que quizer.

Margarida fitou-o arquejante de colera, e levou com impetuoso phrenesi as mãos aos olhos, murmurando estas palavras, que elle, não ouviu:

—Covarde e infame!

Nicoláo erguera-se, e saíra á saleta contigua, aspirando haustos de ar, e bafurando ruidosamente as expirações fumegantes. A franceza atirara-se ao leito, afogada de soluços, e clamando:

—Estás vingado, Ernesto, estás vingado, meu infeliz marido!

Nicoláo ouvira isto, e estorcia em desespero os dedos de ambas as mãos inclavinhadas sobre o peito.

Encostou-se ao batente da porta do quarto, e contemplou-a. Teve dó. Lembrou-se do que fôra aquella mulher em casa de seu marido. O contentamento, a estima publica, os regalos, o respeito de amigos, a consideração das mulheres honestas, o acanhamento com que a tratavam as deshonestas, o orgulho e paixão do esposo. Lembrou-lhe tudo, vendo-a assim soluçante, a confessar a sua culpa, e a sentir na consciencia o travor do calix expia-

torio. E, por sobre tudo isto, o lembrar-se Nicoláo da sua deshonra d'elle! aquellas lagrimas a cairem-lhe no coração! e o terrivel irremediavel da desgraça de tres victimas, que elle fizera, contando-se pela mais atormentada das tres!..

Acercou-se de Margarida e disse-lhe com brandura:

—Não chores. Tens no mundo um amigo, Margarida!

A franceza levantou a face brilhante de lagrimas e escarlate febril. Fixou a vista immovel n'um ponto da parede fronteira, e permaneceu silenciosa largo espaço.

O morgado, observando-a assim, fez um tregeito de impaciencia. Era o fastio, a luctar com a comiseração, e a dominal-a.

A sombra de Beatriz passou entre ambos. Seguiram-n'a os olhos d'alma de Nicoláo. Os da face ficaram postos em Margarida; mas sómente viam n'ella o estorvo, a miseria repulsiva, as lagrimas accusadoras. Duas idéas se travaram a repellões no animo do morgado: romper violenta e definitivamente com a franceza, ou enganal-a com blandicias e promessas. Venceu o mais vil dos expedientes.

O maximo sacrificio, que Nicoláo podia fazer á sua paixão pela prima, era compor o gesto de carinhos; modelar a voz pelo tom vehemente do coração ingrato, mas arrependido; repetir as phrases que seis annos se não repetiram aos ouvidos da franceza.

N'este intuito, ajoelhando diante de Margarida, irrompeu n'uma lamuria destoada da accentuação da verdade, um declamar de actor pessimo, uma coisa que, na consciencia propriamente do declamador, o devia de estar invilecendo!

Margarida foi cruel. Riu-se! castigou-o atrozmente envergonhando-o em rosto, quanto elle o estava no seu intimo senso.

Nicoláo de Mesquita ergueu-se de salto, e sentiu ao correr dos braços um prurido nervoso, umas fervuras de sangue, que lhe recurvavam os dedos: era a convulsiva ancia de esganar a mulher que o comprehendêra e escarnecia.

—Que infame riso é esse? exclamou o morgado cavamente, crispando áscuas dos olhos e beiços.

—É o riso da dignidade! respondeu a franceza, sem se desmentir na postura.

—A dignidade de mad. Froment! redarguiu elle, espirrando um frouxo de riso sarcastico.

—Condemna-se, insultando-me, homem sem alma! replicou Margarida. Mad. Froment era uma digna esposa até ao dia em que seu marido foi deshonrado por quem elle recebera em sua casa.

—Quem a ouvisse cuidaria que eu me servi do punhal de Tarquinio!

—Foi mais cynico, e villão, e covarde, senhor Nicoláo! As suas armas foram mais perfidas.

—Mas Lucrecia não se matou!...

—Não! bramiu ella furiosa, não se mata, porque

é necessario que o senhor veja como eu me debato e agoniso no lodaçal em que me deixa. Havemos de expiar ambos, ouviu, senhor Mesquita? Havemos de nos espedaçar um ao outro! Eu acceito a vida com os horrores todos, que me esperam ... acceito-a com a condição de o vêr castigado!

Nicoláo riu-se, e saíu do quarto, atirando com as melenas lustrosas de suor para a nuca.

Seguiu-o, instantes depois, Margarida, e disse-lhe serenamente:

—Venho responder ao seu riso.

—Deixe-me! bradou o morgado.

—Deixo, tornou ella. Está o senhor livre de mim; a Providencia é que não o deixará ... Vêr-nos-hemos!

E saíu da saleta, desceu ao pateo da estalagem, e ordenou ao arrieiro, que tirasse o cavallo da estrebaria. Entretanto, pagou as despezas da hospedagem, e sentou-se n'um banco de pedra, com os braços cruzados sobre o seio, e a face pendida sobre elles.

Nicoláo de Mesquita desceu pouco depois e reconheceu um criado de Beatriz, que saía apressado do pateo. Sobresaltou-se, cuidando que era espionado, e surprehendido em flagrante de mentira e perfidia. Passou por diante de Margarida, como se não a visse, e saíu á rua procurando o criado, que não viu. Voltou ao pateo, já quando a franceza cavalgava. Quedou-se a contemplal-a estupidamente,

n'um indiscriptivel spasmo de brutificação. Margarida passou rente com elle, estalejando o chicote na anca da cavalgadura. Tinha ella saído da villa, quando Nicoláo tirou fóra o cavallo, e picou á redea solta no seguimento de Margarida. Não saberia dizer elle que intento o impulsava. Chegou de par com ella, colheu as bridas de impeto, e perguntou:

—Onde vaes, desgraçada?

—Á sorte! respondeu a franceza.

—Pára e reflexiona, Margarida!...

A franceza parou, sorriu sardonicamente, e disse:

—Bem! aqui estou. Que quer de mim?

A pergunta conturbou o morgado. Bruxuleava uma luzinha de piedade ainda n'aquelle animo afflicto. Era verdadeira afflicção a d'elle! A pergunta demandava uma só resposta digna, e consolativa. Essa nem já insidiosamente podia elle dal-a. A sobranceria de Margarida rebatia algum expediente compassivo. Se ella chorasse, ganharia temporariamente uns exteriores de estima, o supremo sacrificio praticavel pelo homem, que faz obedecer á delicadeza o fastio; sacrificio de que vivem resignadas, senão felizes, muitas mulheres, as virtuosas principalmente.

Não deu tempo ás reflexões d'elle nem ás nossas a repetida pergunta da franceza:

—Que quer de mim?

—Que domine esse feroz orgulho, que a perde!

—Bella resposta, senhor Nicoláo! replicou Marga-

rida, sacudindo as redeas com o tremor nervoso da mão. Deixar meu marido foi uma virtude do coração, como o cavalheiro lhe chamava; a virtuosa não se perdeu então; perde-se agora porque é orgulhosa até á ferocidade... é isso? Que escarneo, senhor Mesquita!...

Susteve-se, esperando qualquer resposta. As desgraçadas, n'estes lances, usam uma logica irrespondivel. Nicoláo tinha a lingua preza — consintam a figura — por dois dedos de sua prima Beatriz. Expressão compadecida não vingava nenhuma com que applacasse o irritamento de Margarida. Assim que no animo lhe pungia a commiseração, ahi estavam logo os dois dedos de Beatriz a intalarem-lhe na lingua o termo brando, a caridade mesmo da mentira.

A franceza, sobre-excitada pelo silencio significativo do morgado da Palmeira, disse com energia e sem lagrimas:

— Eu, senhor, não vim queixar-me da sua ingratidão. Bem sabe que o deixei apertar-me cinco annos a corda na garganta, sem soltar um gemido. A sua consideração por mim morreu, quando a sociedade me desconsiderou. O senhor, desde o momento em que deixou de vêr ao meu lado o estimulo do seu ciume, não soube que fazer aos loiros da victoria. Eu, ao lado de meu marido, era uma mulher disputada pelo amor d'elle; escondida ás pedradas do mundo, perdi o valor que me davam os respeitos so-